



## YOUNG PEASANTS AND THE STRUGGLING FOR LAND: MEMORIES FROM THE LANDLESS RURAL MOVEMENT FORMATION IN THE PIAUÍ

\*<sup>1</sup>Marcones Herbert de Souza Lima Aguiar and <sup>2</sup>João Diógenes Ferreira dos Santos

<sup>1</sup>Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professor permanente do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, São Raimundo das Mangabeiras, Maranhão, Brasil

<sup>2</sup>Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 2007. Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Docente do Programa de Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 27<sup>th</sup> May, 2018  
Received in revised form  
26<sup>th</sup> June, 2018  
Accepted 02<sup>nd</sup> July, 2018  
Published online 30<sup>th</sup> August, 2018

#### Key Words:

Social movements,  
MST,  
Experience,  
Peasant youth,  
Memory.

### ABSTRACT

Historically, the Brazilian countryside has been constructed as a space of conflicts, in turn, in the state of Piauí, such a reality is not very different. In light of this situation, the Landless Workers Movement (MST- Portuguese abbreviation) has become one of the largest and most important social movements facing the large latifundium in Brazil. Thus, this research is aimed at analyzing and discussing the profile and performance of the landless peasant youth in the process of struggle for land, the formation of the MST and the construction of the first settlement in the semi-arid region of Piauí in the second half of the 1980s. The analysis started from the young leadership's memories who helped to establish the MST in that period. The work is constructed from the theoretical postulates of E. P. Thompson, considering the concept of experience, and Halbwachs, with the concept of collective memory, in addition to other authors who discuss the theme. For the development of this work, first we used bibliographical research and documentary research, as well as conducting interviews with the first MST leaderships in the Piauí state. The research allowed to observe that during this process and through interlocutors like the Land pastoral commission (CPT - Portuguese abbreviation), peasant youth became the main driving force that led the peasant struggle for "a piece of land" in the semi-arid Piauí.

Copyright © 2018, Marcones Herbert de Souza Lima Aguiar and João Diógenes Ferreira dos Santos. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Marcones Herbert de Souza Lima Aguiar and João Diógenes Ferreira dos Santos, 2018. "Young peasants and the struggling for land: memories from the landless rural movement formation in the Piauí", *International Journal of Development Research*, 8, (08), 22279-22283.

### INTRODUCTION

Quando normalmente se fala em juventude uma série de significados vem ao pensamento, ideias como problema, rebeldia, futuro, modernidade, contudo essas palavras estão longe de representar a multiplicidade do termo juventude. De qualquer forma não pode-se negar que essa categoria apresenta elementos que devem ser observados, como apresenta Groop (2015, p. 10) a partir da discussão feita por Mannheim coloca que "A juventude é considerada como agente revitalizador, fonte de energia renovadora da sociedade, dado seu vigor e seu menor enredamento na ordem social vigente".

\*Corresponding author: Marcones Herbert de Souza Lima Aguiar  
Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professor permanente do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, São Raimundo das Mangabeiras, Maranhão, Brasil.

Todavia, embora existam algumas características que possam ser atribuídas aos jovens, deve-se entender que tal categoria é marcada por uma série de elementos que respondem as diferentes sociabilidades a qual estes indivíduos foram inseridos. Assim, os jovens são plurais e por isso deve-se observá-los a partir dos recortes de classe, gênero, raça, religião entre outros condicionantes que transformam o ser jovem:

Diante da complexidade do fenômeno social e da diversidade como esta se manifesta, salientamos a necessidade de definirmos com precisão de qual juventude estamos falando. Para isso, propomos que se recorra aos processos de socialização como critério objetivo capaz de permitir a caracterização das diferentes juventudes (WEISHEIMER, 2013, p. 28).

Nesta perspectiva, os jovens camponeses embora na mesma condição juvenil<sup>1</sup> dos demais jovens, eles encontram-se em uma situação juvenil<sup>2</sup> distinta, uma vez que estão inseridos em sociabilidades diferentes, se compara-los com os jovens cidadãos, por exemplo. Além disso, existem poucas pesquisas sobre os jovens camponeses, ainda mais sobre aqueles que resolvem participar de movimentos sociais e lutar para alterar a problemática agrária existente no país (CASTRO, 2009). Nesse sentido, a questão agrária constitui um dos principais problemas do campo brasileiro. Os números apresentados pela Comissão Pastoral da Terra – CPT<sup>3</sup> em 2015 sobre a concentração de terras demonstra uma grande desigualdade no acesso às terras cultiváveis. Segundo a CPT menos de 1% dos proprietários de terras detém mais de 45% das terras cultiváveis do país. Essa grande desigualdade no acesso a terra torna os conflitos no campo cada dia mais frequentes (LIMA, 2017). As características apresentadas acima encontram-se presente em vários Estados do país como por exemplo o Piauí. Neste Estado a problemática da concentração de terras, assim como na maior parte do Brasil é resultado de um processo histórico. O Piauí teve sua formação nas grandes fazendas de gado que resultaram das doações de sesmarias<sup>4</sup> há alguns privilegiados ainda durante o período colonial. Logo a permanência da concentração de terras e a inexistência de uma reforma agrária, tem resultado no surgimento de vários movimentos sociais, que se opõem a essa realidade excludente, entre estes movimentos construiu-se o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra<sup>5</sup> – MST. Segundo Stédile (2005, p. 31), “Acho que o MST nasceu como um movimento camponês, de agricultores acostumados com o trabalho familiar e que resolveram lutar pela terra”. O Movimento surgiu oficialmente em 1984 na região Sul do Brasil tendo como uma das principais bandeiras de luta, a Reforma Agrária, no Piauí o MST vai construindo-se na segunda metade da década de 1980, se consolidando com a ocupação e formação do assentamento Marrecas, tendo como protagonista deste processo os jovens camponeses do semiárido piauiense.

## MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva qualitativa, entendendo o objeto da pesquisa em sua perspectiva histórica, buscando observar e analisar como o

<sup>1</sup>Segundo WEISHEIMER (2013, p. 25) condição juvenil “corresponde ao modo como a sociedade atribui significados às juventudes em determinadas estruturas sociais, históricas e culturais. Dessa maneira, busca-se destacar que, mais do que uma faixa etária, a condição juvenil é uma posição na hierarquia social. no caso dos jovens uma posição subordinada aos adultos”.

<sup>2</sup>Situação juvenil segundo WEISHEIMER (2013, p. 26) “aos diversos percursos experimentados pela condição juvenil, ou seja, traduz as suas diversas configurações. Esta última categoria é utilizada então para se referir aos variados processos empíricos, condições conjunturais e particularizadas das múltiplas juventudes”.

<sup>3</sup>Instituição fundada em 1975, formada, principalmente, por bispos e clérigos da Igreja Católica, que tinham inspiração na corrente religiosa conhecida como Teologia da Libertação, passando a ajudar os camponeses no acesso a terra.

<sup>4</sup>As sesmarias eram as grandes propriedades cedidas pelas autoridades da colônia do Brasil a pessoas que tinham interesse de cultivar a terra, responsável pela formação de grandes latifúndios no Brasil.

<sup>5</sup>Tomamos aqui a discussão desenvolvida por Caldart (2012) em seu livro *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, para entendermos a diferença entre os Sem Terra, e os sem-terra. Logo quando tratamos destes primeiros quer dizer que estamos falando não de qualquer sem-terra, mas sim daqueles que fazem parte do MST, que tem um conjunto de símbolos que os identifica como pertencentes de um grupo, que constitui uma identidade que vai muito além da falta da terra, mas representa um processo de construção enquanto sujeitos conscientes de seu lugar na história e no campo.

MST se construiu nesse processo dentro do Estado do Piauí, levando em conta uma apreciação dialética do objeto, para então compreender como a juventude camponesa se apresentou no processo de formação e desenvolvimento do MST no Estado Piauí. Iniciou-se pela pesquisa bibliográfica, que segundo Lima e Mioto (2007), é importante enquanto procedimento metodológico, pois possibilitou a definição de objetos de estudos e, dessa forma, subsidiando a análise dos dados obtidos, constituindo-se numa ferramenta importante na construção do conhecimento científico. Após essa primeira etapa, se iniciou a pesquisa documental realizada, principalmente, nos acervos das Secretarias Estaduais do MST e da CPT, localizados em Teresina – PI. Contudo, foi a partir das memórias coletivas (relatos orais) dos sujeitos que participaram ativamente do processo de construção do Movimento Sem Terra no Piauí que conseguiu-se compreender o papel da juventude camponesa na formação do MST, assim como do primeiro assentamento do Movimento no Estado. Uma vez que, segundo BOSI (2003, p. 16) “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época!”. Para isso partiu-se da perspectiva de Halbwachs (2003), pois para ele, embora o ato de lembrar seja individual as lembranças estariam inseridas em quadros de referências que se constroem a partir dos grupos. Como técnica, utilizou-se a entrevista semi-estruturada, pois, “além de captar melhor o que os pesquisados sabem e pensam, permitem também, ao pesquisador, observar a postura corporal, a tonalidade da voz, os silêncios etc.” (MARSIGLIA, 1999, p. 27). Deste modo, foi feito um roteiro para organizar melhor a entrevista. Ainda sobre as entrevistas é importante salientar que foram realizadas ao todo 07 entrevistas. A escolha dos entrevistados se baseou em um critério objetivo, foram ouvidos os militantes do MST no Piauí que permanecem no assentamento Marrecas e que no ano da ocupação (1989) eram jovens lideranças do Movimento e integravam a comissão organizadora do MST e participaram da ocupação do assentamento Marrecas. O local da pesquisa de campo (entrevistas) foi o assentamento Marrecas localizado no município de São João do Piauí, região sudeste do Estado Piauí, região semiárida marcada pela seca. Marrecas localiza-se há aproximadamente 500 km da capital do Estado, Teresina. Atualmente o assentamento conta com aproximadamente 300 famílias, e foi o primeiro assentamento do MST no Piauí, e sua construção aconteceu paralelamente à formação do Movimento no Estado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acesso à bibliografia, aos documentos e aos dados, obtidos por meio das entrevistas, mostrou que o problema da concentração de terra no Brasil, assim como no Piauí, continua sendo um dos motores para as desigualdades no campo brasileiro. Contudo, a partir do processo de modernização do campo nas décadas de 1950/60, ocasionaram o surgimento de um número maior de movimentos sociais rurais as lutas se intensificaram (MORISSAWA, 2001). Logo, nos últimos 30 anos as lutas camponesas vem sendo desenvolvidas dentro do Piauí por várias organizações como a CPT, mas principalmente o MST, que passa a comandar as principais lutas em território piauiense. Assim, o Movimento Sem Terra chega ao Piauí na segunda metade da década de 1980 com o objetivo de conduzir os camponeses sem-terra<sup>6</sup> à conquista da

<sup>6</sup>Ainda utilizando a ideia de Caldart (2012) em seu livro *“Pedagogia do*

terra e melhores condições de vida como aponta a entrevistada Maria de Jesus “a luta nossa quando iniciamos no MST não era só por terra, mas por todos seus direitos como água e educação”.

[...] O Movimento Sem-Terra começou no Piauí em 85 [1985], logo após o Congresso Nacional do Movimento Sem-Terra em 85, começou então uma articulação aqui no Piauí, e essa articulação, ela se deu, no início, basicamente através da CPT, a CPT que articulou o Movimento Sem-Terra no início. Como se deu isso? Bom, a CPT deu toda a sua estrutura sim, sua estrutura é para fazer a articulação do Movimento. Então veio uma pessoa do Paraná que se chamava Justino, e a mulher dele que eu não me recordo o nome, se era Paula ou Ana né, e vieram para o Piauí para começar a articular o Movimento Sem-Terra, eles... Como se dava essa articulação? Essa articulação, ela se dava basicamente nos encontros da CPT né, então onde tinha... a CPT tinha articulação e o Justino ia até lá para fazer reunião, explicar o que era o Movimento Sem-Terra, quais eram os objetivos do Movimento Sem-Terra, ele participava das reuniões que a igreja fazia, articulada pela CPT, ou mesmo pela paróquia na qual ele ia (SOUZA, 1997, p. 01).

Observa-se, que o surgimento do MST esteve ligado, principalmente a setores da Igreja Católica, como a CPT e as Comunidades Eclesiásticas de Base - CEBs<sup>7</sup> que tiveram um importante papel, pois funcionavam muitas vezes como movimento aglutinador dos camponeses na luta pela terra na região semiárida do Piauí, como mostra Maria de Jesus e Inácio, ambos lideranças que participaram da formação do MST no Piauí:

[...] Era na Igreja Católica, as CEBs era muito forte naquela época que nós morava lá [Cural Novo – PI], e era muito importante para juventude, a juventude toda participava, porque todo mundo era ligado as comunidades [CEBs], e era bom (MARIA de JESUS, 51 anos, 2017). Minha militância se deu, sobretudo na Igreja. Todos vieram de Igreja [refere-se aqueles que tornaram-se liderança na Marrecas], todos eram da Igreja. O grupo de jovens desse tempo era muito forte, o grupo de jovens era forte e antes do Movimento [MST] nós já fazia manifestação na cidade [Cural Novo – PI] né (INÁCIO, 53 anos 2016).

Assim sendo, a igreja tinha um papel central na atuação dos jovens camponeses e na aproximação dos mesmos com o MST. Além disso, outra instituição importante foi a Central Única dos Trabalhadores – CUT<sup>8</sup>, que juntamente com os sindicatos rurais ligados a ela, garantiam a estrutura para organização inicial do Movimento em terras piauienses. Segundo os relatos colhidos nas entrevistas daqueles que participaram da formação do MST no Piauí, observou-se que o Movimento se organizou a partir das

experiências materiais dos camponeses na luta pelo acesso a terra que foram transformando a consciência dos mesmos. Essas lutas que envolvem tanto aspectos econômicos, sociais e culturais possibilitaram os camponeses se entenderem como sujeitos dos processos de transformações no campo. Nesta perspectiva o Movimento Sem Terra pode ser compreendidos a partir da teoria thompsoniana, pois estão em um processo continuado de formação sempre a partir das experiências vividas, neste caso ser sem-terra:

A experiência chega sem bater na porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerras, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas passam fome: os que sobrevivem pensam o mercado de outra forma. Pessoas são presas: na prisão meditam sobre a lei de novas maneiras [...]. Dentro do ser social ocorrem mudanças que dão origem a uma experiência transformada: e essa experiência é *determinante*, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados (THOMPSON *apud* MORAES; MULLER, 2006).

Deste modo, a partir da produção thompsoniana ao analisar o que aconteceu na formação da classe operária inglesa no século XIX, podemos aproxima-la do processo de formação do MST no Piauí e Brasil, pois ambos processos nascem da relação entre as experiências objetivas e subjetivas que se desenvolveram em cada cenário social. No caso do MST, as experiências se apresentam aos camponeses e vão possibilitando a eles acessarem elementos que permitam a relação entre uma experiência vivida e uma experiência percebida, essa relação, segundo Thompson (2011), faz homens e mulheres avançarem em um processo de formação de sua própria consciência enquanto classe. Deste modo, a construção do MST no Brasil e no Piauí constitui um fenômeno que não ocorreu de forma estanque, mas a partir de um processo contínuo do *fazer-se*<sup>9</sup> do próprio Movimento. As entrevistas realizadas com os jovens que iniciaram o processo de construção do MST no Piauí mostram que a situação de camponês sem-terra era muito difícil, e que a luta pela terra poderia levar a reconstrução de um campo mais democrático. Além disso, notou-se que os mesmo se organizaram a partir de um modo de vida e cultura comum ao campesinato, o que possibilitou o *fazer-se* camponês Sem Terra. O Movimento Sem Terra vai se estabelecendo no Estado do Piauí a partir do processo de luta pela terra já existente. A pesquisa de campo realizada mostrou o perfil daqueles que iniciaram o processo de formação desse importante movimento social, os documentos e entrevistas apontam que a juventude camponesa do semiárido piauiense constituía as principais lideranças do Movimento no Estado, e quando perguntados os motivos de serem os jovens os protagonistas dessas lutas eles apresentaram questões como, terem mais tempo disponível, como fala Arlindo liderança do processo de formação do MST no Piauí:

[...] É tinham mais essa disposição [os jovens], porque a gente tinha mais liberdade, tinha mais também independência, um

*Movimento Sem Terra*”, utilizamos os sem-terra com iniciais minúsculas e com hífen para designar todos aqueles camponeses ou não que não tem terra para plantar, construir sua casa, etc., eles não têm uma identidade de grupo a não ser a falta da terra.

<sup>7</sup>As Comunidades Eclesiásticas de Base - CEBs representam uma forma de organização, existente desde a década de 1950, ligada à Igreja Católica, onde os fiéis de uma paróquia se subdividem em pequenos grupos (comunidades), para assim desenvolverem varias atividades.

<sup>8</sup>A Central Única dos Trabalhadores representa a maior central sindical existente no Brasil, congregando a maior parte dos sindicatos do país. Foi fundada em 28 de agosto de 1983 em São Paulo no final do período da ditadura militar.

<sup>9</sup>A ideia do *Fazer-se* utilizada nesse trabalho remonta a E. P. Thompson (2011), esse autor passa a discutir a categoria de experiência, acreditando que é na experiência cotidiana a partir dos valores e costumes que se constrói uma identidade da classe operária inglesa. É a partir dessa categoria que observamos a formação da juventude camponesa do MST, assim como a própria construção dos trabalhadores e trabalhadoras desse movimento, sendo nas experiências coletivas do cotidiano, na mística do movimento, que os camponeses e jovens camponeses se percebem enquanto classe.

pai de família com vários filhos fica mais difícil pra ele se deslocar né, tinha que trabalhar enfim. Então os jovens se prepararam através da sua formação e adquiriram essa consciência política de fazerem a luta né, então seria esses jovens [...] eram os soldados que iam fazer o enfrentamento, entendeu? E daí tinham também muitas entidades que não acreditavam muito na gente (ARLINDO, 49 anos, 2017).

Os jovens camponeses vão organizando a luta pela terra no semiárido piauiense, eles constituíam a maior parte das comissões municipais e estaduais do Movimento. Os menos tinham varias responsabilidades como fazer as mobilizações para realizar a primeira ocupação de terras do MST no Estado. Por sua vez, estas atividades exigiam muitos dos jovens, que segundo os entrevistados tinham que sair de casa em direção a varias cidades para mobilizar os camponeses. O objetivo era realizar a ocupação Marrecas e transformar o campo piauiense, e que mostrava disposição e otimismo, essa postura era característica dos jovens daquele período pós ditadura militar<sup>10</sup> no Brasil:

[...] apesar de todas as dificuldades, adversidades e temores, os jovens manifestam, de forma surpreendentemente semelhante, otimismo e satisfação com suas vidas e com o fato de serem jovens [...]. E também a convicção de que podem mudar o mundo (ABRAMO; BRANCO, 2005).

Assim, os jovens desenvolviam varias atividades durante a formação do MST no Piauí. Outra tarefa que ficava a cargo da juventude dentro Movimento era realização da mística, que é o ato que representa o conjunto de símbolos e práticas dos camponeses na luta pela terra, ou seja, representa a cultura dos camponeses:

[...] Ela é prática, que se manifesta das mais diferentes maneiras e momentos, mas é também teoria, conteúdo, ideologia. Como é próprio da mística, é difícil explicá-la porque, para entendê-la, é necessário senti-la e vive-la. Isso, no entanto, não impede que se estude e sistematize o conteúdo, a fundamentação dessa prática, já que ela terá tanto mais vigor quanto mais profundas forem suas raízes que, além de alimentar, a sustentam (BOGO, 2002).

No MST do Piauí a mística comonos conta Inácio era organizada pelos jovens “a questão de cultura era a juventude que dava o comando, era a juventude que comandava nas assembléias do movimento a animação e os ritos simbólicos”. A mística garantia alegria, esperança e força para aqueles que faziam parte do Movimento, na luta contra o latifúndio.

Nessa perspectiva, os jovens camponeses comandam os principais setores do MST, essa liderança da juventude vai ser consolidada durante o processo de ocupação e organização do assentamento Marrecas. A memória coletiva existente dentro do próprio Movimento Sem Terra mostra que os jovens tornaram-se a direção do assentamento recém-criado:

[...] Os jovens assumiram a direção do movimento assumiram a coordenação geral do assentamento e assumiu a, os setores de produção, os setores de formação política, o setor de educação. Então foi nossos jovens também que foram nossos

professores de nossa escola itinerante, coberta de palha pra ensinar as crianças (ARLINDO, 48 anos, 2017).

As entrevistas realizadas mostraram que os relatos feitos por Arlindo e os demais entrevistados, convergem sobre o papel dos jovens em todo o processo de formação do MST em território piauiense. Essa proximidade nas lembranças de todos os entrevistados aponta a presença de uma memória coletiva, pois segundo Halbwachs (2003) essas lembranças pertencem ao grupo, uma vez que, segundo o autor “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos” (HALBWCHS, 2003). Deste modo, temos que a mesma juventude que carrega enquanto categoria social uma serie de estereótipos e adjetivações, como rebeldia e imaturidade foi a responsável pela construção do primeiro grande assentamento rural no Estado do Piauí, o assentamento Marrecas na cidade de São João do Piauí, assim como os responsáveis pela formação do principal movimento camponês existente no Estado nos últimos 30 anos (SILVA, 2012).

## Conclusão

Pensar a formação do MST no Piauí a partir dos jovens camponeses que o formaram, é entender que as transformações na construção do conhecimento histórico vêm possibilitando novos debates e abordagens acerca dos mais diferentes objetos de pesquisa. Nesse processo, os postulados que surgiram no bojo das discussões realizadas pelos teóricos que formaram a História Social Inglesa<sup>11</sup> abriram um novo horizonte na forma de pensar a sociedade e escrever a história. Dentro desse processo observou-se também que a memória coletiva é um elemento importante na consolidação da identidade do Sem terra. E que a preservação dessa memória coletiva pelos militantes do MST possibilitou a apreensão de dados que analisados por meio do arcabouço teórico, e assim permitindo reconstruir a história do Movimento Sem Terra no Piauí. Os relatos das entrevistas também possibilitou confirmar o papel central que a juventude exerceu no processo de organização e formação do MST e do assentamento Marrecas no Piauí. A juventude camponesa categoria quase que invisível ao poder público e à própria academia no final da década de 1980, tornou-se protagonista de um dos mais importantes movimentos sociais no Estado. A mística é parte integrante dos camponeses Sem Terra, funcionando como alimento que fortalece a luta. Notou-se também que ela é representada em músicas, cânticos e peças teatrais e foi muito importante para dar a “coragem” necessária para garantir a ocupação e organização do assentamento Marrecas. Observou-se também que a mística era realizada, principalmente, pelos jovens que de forma criativa utilizavam a arte e outros mecanismos para discutir a vida e a luta dos camponeses. A pesquisa revelou que a atuação dos jovens que viviam no semiárido piauiense, possibilitou a construção de uma saída contra a concentração de terras existente naquela região. Era uma juventude sem-terra e pouco escolarizada que das dificuldades de se reproduzirem socialmente encontraram no MST o agente aglutinador para vencer a seca e o latifúndio, marcas da região

<sup>11</sup> Apresenta as contribuições de pensadores marxistas a partir do final da Segunda Guerra Mundial, que passam a estudar a história a partir dos sujeitos que por muito tempo foram excluídos, “os de baixo”, da historiografia tradicional (positivista), entendendo a história como algo interdisciplinar, e se contrapondo a história como elemento exclusivamente político e econômico. Tendo entre seus principais teóricos E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, Christopher Hill e Raymond Williams.

<sup>10</sup> Período da história do Brasil que durou mais de 21 anos, iniciando em 1964 com um golpe que depôs o presidente João Goulart, e terminou em 1985 com o fim do governo do último presidente general, durante esse período o país foi marcado pela repressão e censura.

onde moravam. Observa-se uma juventude que não se conformava simplesmente em abandonar o campo, mas que almejava transformá-lo para que, juntamente com suas famílias, se tornassem sujeitos conscientes do seu papel histórico e de seus direitos.

### Agradecimentos

Ao Instituto Federal do Maranhão e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Por financiarem e viabilizarem a pesquisa.

### REFERENCES

- BOGO, Ademar, 2002. *O vigor da mítica*. São Paulo: ANCA. 189p.
- BOSI, Ecléa, 2003. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 219p.
- CALDART, Roseli Salete (2012). *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 440.
- CASTRO, Elisa guaraná [et al.], 2009. *Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político*. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR.
- FERNANDES, Bernardo Mançano; STÉDILE, João Pedro (2005). *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 167p.
- GROPPO, Luis Antônio, 2015. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. *Em Tese*. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 4-33, jul. 2015. ISSN 1806-5023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n1p4/29763>.
- HALBWACHS, Maurice 2003. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- LIMA, Marcos Fernandes 2017. *O MST e a luta pela terra no Piauí: história e memórias familiares (1989 – 2014)*. Dissertação (Mestrado em História). UFMA, São Luís – MA.
- LIMA, Telma C. S. de; MIOTO, Regina Célia T. 2007. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: *Rev. Katal Florianópolis*, vol. 10, n° esp. 2007, p. 37 – 45.
- MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni 2009. Orientações básicas para a pesquisa. In: *Serviço Social e saúde e trabalho profissional*. 4. Ed. São Paulo: Cortez.
- MORAES, Maria Célia M. de; MULLER, Ricardo Gaspar. (2006). A miséria da teoria: o debate de History Workshop. In: *Revista Esboço*, n° 14. UFSC.
- MORISSAWA, Mitsue 2001. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, p. 256.
- SILVA, Gisvaldo de Oliveira da 2012. *Um levante no sertão do Piauí: a trajetória camponesa na formação do assentamento Marrecas (1985-1995)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). UFPI, Teresina –PI.
- SOUZA, Maria Gorete 1997. Texto resultante da entrevista referente à pesquisa memorial. Cedida pela Coordenação Estadual do MST – PI.
- THOMPSON, Edward P. 2011. *A formação da classe operária: Árvore da Liberdade*. Tradução Denise Bottmann. 6° ed. São Paulo: Paz e Terra.
- WEISHEIMER, Nilson 2013. A construção social da juventude. In: *Sociologia da juventude*. Curitiba: Inter Saberes. p. 13-30.

\*\*\*\*\*